

Os jovens da jovem: A questão geracional em uma torcida organizada de futebol

The young people from “jovem”: The generational issue in an organized football fandom

Phelipe Caldas¹
Marco Aurélio Paz Tella²

Resumo

O artigo aborda algumas práticas de grupos de torcedores da Torcida Jovem do Botafogo-PB. Analisamos como a torcida se organiza a partir de delimitações geracionais, entre jovens e adultos dentro e fora do Estádio Almeidão. Procuramos analisar as torcidas organizadas a partir de sua diversidade geracional, racial e econômica em seus espaços de atuação e práticas, às vezes visíveis, às vezes nem tanto. A partir de um olhar rasante, de um ponto de vista etnográfico – trabalho de campo realizado entre maio de 2017 e agosto de 2018 –, sobre torcidas organizadas e distintas formas de torcer, discutimos como práticas de torcedores instigam reflexões sobre processos existentes de fluidez e rigidez das linhas fronteiriças geracionais em nossa sociedade. O foco do nosso artigo é a prática daquilo que vamos chamar de “prática do vai e vem”, realizada pela torcida organizada e caracterizada pela harmonia e beleza dos cânticos e movimentos corporais, assim como pela intimidação que desejam provocar nos torcedores adversários. Pretendemos demonstrar como aqueles torcedores que executam a prática são protagonistas de uma dinâmica tipicamente juvenil, delimitadora de fronteiras com os mais velhos, na contramão de processos em que as fronteiras geracionais estão cada vez mais fluidas, mescladas e imprecisas.

Palavras chave: Botafogo-PB, torcidas, juventude, fases da vida, antropologia das práticas esportivas

Abstract

The article discusses some practices of groups of supporters such as “Torcida Jovem” of Botafogo-PB sports team. We analyzed how the fans are organized based on generational boundaries, between young people and adults/old people inside and outside the Almeidão Stadium. We seek to analyze the supporters based on their generational, racial and economic diversity and also in their areas of activity and practices,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar. Integra o Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS/UFSCar) e o Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme).

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor associado do curso de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

sometimes visible, sometimes not so much. From a glance and from an ethnographic point of view - with fieldwork carried out between May 2017 and August 2018 -, on organized fans and different ways of cheering, we discuss how fan practices instigate reflections on existing processes of fluidity and rigidity of generational boundary lines in our society. The focus of our article is the practice of what we will call “practice of the coming and going”, carried out by the organized fans and characterized by the harmony and beauty of the chants and body movements, as well as by the intimidation that they want to provoke in the opposing fans. We intend to demonstrate how those fans who perform the practice are the protagonists of a typically youthful dynamic, delimiting boundaries with their elders, against processes in which generational boundaries are increasingly fluid, mixed and inaccurate.

Keywords: Botafogo-PB, fans, youth, life stages, anthropology of sports practices;

Introdução

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado em antropologia (PPGA-UFPB) desenvolvida por Phelipe Caldas, sob orientação de Marco Aurélio. Ao longo de 15 meses, num período correspondente a maio de 2017 e agosto de 2018, Phelipe foi praticamente a todas e Marco Aurélio a algumas partidas do Botafogo-PB³ realizadas no Estádio Almeidão⁴, em João Pessoa. É ali onde o Belo realiza os seus jogos quando acontecem na capital paraibana. Phelipe foi também a alguns jogos fora da cidade, acompanhando torcedores em viagens para os mais diversos destinos.

Estávamos em busca das diferenças, dos conflitos, das fronteiras, das alteridades, que muitas vezes se iniciam fora do estádio de futebol e cujas arquibancadas não conseguem apagar. Esquecemos de dizer. João Pessoa é uma cidade atípica do ponto de vista futebolístico. Não há rivalidades locais, visto que o grande rival botafoguense, o Auto Esporte, entrou em decadência financeira e futebolística no início da década de 1990 e nunca mais conseguiu fazer frente ao adversário.

A maioria dos jogos que presenciamos no Almeidão, portanto, aconteceu praticamente sem a presença de torcedores do outro clube em ação, de forma que as arquibancadas eram majoritariamente ocupadas por torcedores do próprio Belo. Isso, no entanto, não significa dizer que a pacificação seja a regra.

Afinal, trata-se de sujeitos que reiterada e erroneamente são vistos como formando uma suposta “unidade botafoguense”, como sendo unos e indivisíveis, mas que, a rigor, formam

³ Clube paraibano cujo nome oficial é Botafogo Futebol Clube. Neste artigo, ele poderá ser chamado também de Belo ou Alvinegro da Estrela Vermelha, seus apelidos mais conhecidos.

⁴ Nome popular do que é oficialmente chamado de Estádio José Américo de Almeida Filho. É o maior estádio de João Pessoa, na Paraíba.

múltiplas identidades e, por consequência, constituem grupos de torcedores diversos. Com interesses próprios, dinâmicas próprias, conceitos igualmente próprios sobre o que classificam de “jeito certo” de torcer.

Este artigo, portanto, propõe-se a fazer um recorte sobre essas diferenças, para mostrar inclusive que as distinções, as fronteiras, podem ser percebidas em contextos ainda mais micros. Por exemplo, internamente, no interior de uma mesmíssima torcida organizada.

Nossa proposta aqui, entretanto, é focar mais detidamente nas fronteiras geracionais, nas características e nas formas de torcer que definem quem são os jovens e os adultos, que os posicionam dentro de identidades torcedoras específicas, num processo, inclusive, que delimita onde cada tipo de torcedor pode assistir ao jogo dentro do estádio. Onde – e como – eles podem circular.

Queremos considerar que, embora em nossas sociedades contemporâneas as fronteiras que delimitam as gerações sejam mais fluidas e menos definidas, com as fases de vida podendo carregar características de outros grupos geracionais, ao menos no tempo do futebol, no contexto do estádio, as tais fronteiras geracionais seguirão mais rígidas e bem delineadas.

Ainda assim, mesmo que as formas de torcer dos jovens cimentem fronteiras no contexto do estádio, isso não significa um processo de ruptura ou conflito entre a prática juvenil de torcer e o ser adulto. Pelo contrário: primeiro, as formas de torcer possibilitam os processos de socialização dos jovens (PAIS, 1990) e o sentimento de pertencimento ao grupo (torcida); segundo, as formas de torcer que definem ser jovem têm o consentimento dos adultos. É o que se pode chamar de “juvenilização”, ou “a capacidade dos jovens de influenciarem os adultos” (PAIS, 1990, p.155).

Em concordância com Pais (2009), nos deparamos com grande diversidade de trajetórias de vida, essas marcadas e influenciadas por condições individuais e sociais. No entanto, com um olhar mais distante, pode-se observar regularidades, ou melhor, fatores de invariabilidades nas trajetórias de vida que, de forma geral, podem alimentar representações sociais (senso comum)⁵ sobre as fases de vida e estabelecer uma “aceitação social sobre algumas normas etárias”⁶ (PAIS, 2009, p. 374). Como, por exemplo, acontece na ideia de juventude.

Tal categoria, social e historicamente construída, apresentaria regularidades, consistindo num período de namoros, finalização do ensino médio e/ou profissionalizante ou ingresso no

⁵ Nossa referência a representações sociais sobre juventude vai na direção oposta da realidade, encarada como mito, construção social homogeneizante sobre ser jovem (PAIS, 1990), difundida por poderes públicos e a grande mídia.

⁶ O sociólogo português José Machado Pais (2009), ao falar de aceitação social de normas etárias, se baseia nos estudos sobre Tempos da Vida e as Percepções de Bem-Estar, de uma rede de investigação europeia, *European Social Survey*, realizada nos anos de 2006 e 2007: www.europeansocialsurvey.org/.

ensino universitário, com vistas também numa profissionalização⁷. Prevê ainda dependência financeira dos pais, morando-se com eles. Enquanto isso, o período adulto seria caracterizado pela independência econômica da família, conquista do emprego estável, saída da casa dos pais, constituição de uma nova família, filhos. Tais representações homogeneizantes podem ser consideradas o alicerce para a elaboração de políticas públicas focada na juventude e legitimação de uma legislação destinada a regular determinados direitos para fases específicas da vida. Podemos utilizar como exemplos disso, aliás, os estatutos da Criança e do Adolescente, da Juventude e do Idoso.

Entretanto, nas pesquisas com foco na juventude, podemos observar com um olhar mais atento que as características específicas associadas a cada fase de vida deixaram de ser bem definidas, com fronteiras geracionais mais elásticas, imprecisas, heterogêneas e com possibilidade de serem moldadas. Podemos constatar tais mudanças especificamente no tocante aos jovens, em concordância com José Machado Pais (2009, p. 373), quando ele diz que estamos vivenciando “uma crescente reversibilidade das trajetórias para a vida adulta (emprego/desemprego; casamento/divorcio; abandono à escola ou família de origem)”. A constatação verificada em pesquisas sobre juventude nos mostram experiências diversas de ser jovem, desconstruindo, assim, as representações sociais homogeneizantes (PAIS, 1990).

Contudo, e este é o nosso entendimento para o presente artigo, embora cada vez mais se aprofunde os processos de reversibilidade destacado por Pais (2009), e nisso também concordamos com o sociólogo português, há em alguns grupos ou organizações sociais a conservação de funções e práticas que estão associadas às fases da vida da juventude e do adulto. E é a partir das demarcações geracionais entre jovens e adultos que muitos dos torcedores organizados botafoguenses se distribuem nos espaços, dentro e fora do estádio, e se diferenciam na forma de se vestir, de se comportar e de torcer. Isso, inclusive, reafirma o que estamos defendendo aqui sobre a existência de uma heterogeneidade nas formas de torcer e de experienciar a juventude.

Para discutir isso, iremos analisar as dinâmicas da Torcida Jovem do Botafogo-PB (TJB)⁸. E, a partir de um movimento que esses torcedores costumam realizar ao longo dos jogos, que aqui chamaremos ludicamente de “prática do vai e vem”, tentar demonstrar como ocorre uma divisão entre jovens e adultos dentro da própria TJB, dividindo o grupo entre os que se movimentam e os

⁷ Embora José Machado Pais se baseie em pesquisas realizadas na Europa, podemos encontrar algumas semelhanças sobre algumas normas etárias, quando observamos os objetivos disciplinadores das políticas públicas direcionadas aos jovens pobres brasileiros e visões adultocêntricas sobre a juventude como fase de vida. Se os/as jovens se desviam de tais normas etárias serão classificados/as, pelos poderes públicos e grande mídia, como juventude problema, ameaça e perigo.

⁸ É a maior e mais antiga torcida organizada do Botafogo-PB.

que não se movimentam. Entre aqueles que ficam ao centro e aqueles que ficam à margem do ato de torcer. Ou, como os próprios torcedores preferem, quem está “na pista” (retomaremos esse termo pouco mais a frente) e quem já faz parte da chamada Velha Guarda.

O estádio e a prática do vai e vem

Ao longo de toda a pesquisa de campo, contemplamos em inúmeras oportunidades um movimento coletivo típico da TJB, que rapidamente nos chamou atenção e que é usual em outras agremiações torcedoras autodeclaradas de pista⁹: um grupo significativo de integrantes da organizada começa a correr de um lado para o outro, aos pulos, percorrendo algo próximo de 30 metros de arquibancada, aos gritos de “ei, playboyzada, tira o cu da arquibancada”. Um grito, aliás, que em si já é uma afirmação da diferença. Uma demarcação de alteridade. Uma declaração expressa de que existe um “outro” que difere daquilo o que representa ser TJB, e que encerra de uma vez por todas com a falácia da unidade entre torcedores de um mesmo clube.

Observada à distância, a cena parece um vai e vem sincronizado, como o brinquedo de mesmo nome, criado na década de 1970, composto por uma bola oval com abertura no centro, por onde passam duas cordas. São colocadas alças nas extremidades das cordas e cada um dos dois jogadores envolvidos segura duas delas para jogar a bola para o lado oposto.

Como no jogo, em que as duas pessoas envolvidas se divertem, mostrando força, potência e agilidade, assim também acontece no movimento síncrono de torcedores. Talvez, na prática do vai e vem, semelhante à brincadeira com a bola oval, os torcedores demonstram força de grupo e potência; entretanto, o movimento pode funcionar também para alimentar a autoestima coletiva e para manifestar virilidade, com a intenção de intimidar outros torcedores ou grupos de torcedores do próprio time ou de torcidas adversárias.

⁹ Torcidas organizadas de pista são aquelas mais afeitas ao embate, que gostam de experienciar de forma mais intensa as alianças e as alteridades com outras organizadas.



Imagem 1: A “prática do vai e vem” realizada pela TJB na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão / Foto: Phelipe Caldas

Trata-se de um grupo grande, podendo chegar a mais de 100 pessoas em jogos de maior importância, na quase totalidade formada por homens. É um movimento ao mesmo tempo bonito e intimidador. Na prática do vai e vem, os torcedores dançam, pulam, andam, cantam, gritam, numa cinesia aparentemente infatigável.

Ao aproximar nosso olhar antropológico, “passando a paisagem social a pente fino” (PAIS, 1993, p. 109), buscamos indícios, em conformidade com a sociologia do cotidiano de José Machado Pais, que nos revelem algo além do que é possível perceber de forma distante e superficial. Com olhares “rasantes” e “matreiros” (PAIS, 1993), pois, acessamos vestígios para compreender as dinâmicas e organizações da TJB, tanto entre seus torcedores como na relação com as demais torcidas organizadas do Botafogo-PB e de outros times de futebol.

Neste olhar “rasante” e “matreiro” observamos diversos indícios que podem constituir caminhos para a compreensão de problemas e questionamentos. Nosso recorte para este artigo ressalta determinado perfil etário daqueles torcedores da Jovem na prática do vai e vem, sem deixar de relacionar com outros marcadores sociais da diferença e estabelecendo conexões entre micro e macro. Ao agirmos dessa forma, acreditamos desfrutar de elementos que contribuam para desassombrar algumas das práticas das torcidas organizadas.

No processo de aproximação da prática do vai e vem na arquibancada há uma primeira constatação: são jovens, pobres, homens, moradores de bairros periféricos, muitos deles negros.

Este primeiro retrato daqueles torcedores não é diferente do perfil majoritário das torcidas organizadas de pista. Percebe-se aí pelo menos cinco marcadores sociais da diferença – geracional, classe social, gênero, território e racial –, que se sobrepõem e marcam o perfil destes torcedores, especificamente desta prática.

Marcam os integrantes da TJB como um estigma, rapidamente classificado por outros torcedores e pelo policiamento militar dentro do estádio. Sim, porque não raro a prática, principalmente quando considerada mais acintosa, é rechaçada pelos policiais, criticada pelos demais torcedores como sendo típica de “marginais”. Aconteceu isso, por exemplo, em 18 de março de 2018, na semifinal de Campeonato Paraibano daquele ano, quando a Polícia Militar da Paraíba desmobilizou uma dessas práticas mais empolgadas, iniciada logo após um gol do Botafogo-PB em cima do Treze¹⁰, na base do gás de pimenta e dos disparos com armamento não letal, as famosas e temidas balas de borracha.

Na visão de outros torcedores com quem dialogamos, inclusive, a polícia não fez mais do que “conter a violência”, ainda que os organizados não tenham iniciado nenhuma briga naquele momento. É um tipo de anuência e de aprovação tácita ao uso de força policial, pois, que se coaduna com o que diz Pimenta (1997, p. 17), quando expressa criticamente que “a Polícia Militar se transforma no órgão legalmente constituído para disciplinar, no calor do acontecimento, a violência dos agrupamentos de torcedores”.

Mas, voltemos ao debate ora proposto. Dentro desses perfis mencionados, a questão geracional vai modificar as formas de torcer e vivenciar o estádio. Isso nos chama a atenção porque emerge como uma demarcação que define os papéis que uma e outra identidade vai exercer nos estádios de futebol.

Antes de continuar o voo rasante na prática do vai e vem da TJB, no entanto, devemos apresentar a forma como as torcidas se distribuem no Almeidão, local onde a TJB mais atua. E o primeiro passo para isso é descrever a própria estrutura física do estádio.

Em primeiro lugar, registre-se que a praça esportiva em questão é dividida em três setores distintos: a Arquibancada Sol de um lado, a Arquibancada Sombra e o Setor de Cadeiras do outro lado do campo de jogo. Esses espaços, aliás, provocam uma primeira ruptura, de ordem econômica.

¹⁰ Clube de Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba. Considerado hoje em dia pelos botafoguenses, após a decadência do Auto Esporte, o principal rival do Alvinegro da Estrela Vermelha.

O preço médio do ingresso nas cadeiras, que é o setor mais caro, é R\$ 100; enquanto que no Sol¹¹, que é o setor mais barato, não passa de R\$ 20.

O Setor de Cadeiras, portanto, é exclusivo aos torcedores ricos, aos dirigentes e familiares dos jogadores do clube, principalmente se considerar que num mesmo mês o clube poderá jogar entre cinco e seis vezes no Almeidão. Já a Arquibancada Sombra (preços médios fixados em R\$ 40) é, em regra, destinada aos torcedores de classe média. Enquanto que na Arquibancada Sol ficam comumente os torcedores mais pobres¹².

Não é uma mera divisão espacial. As cadeiras, por exemplo, estão no único local coberto do estádio, livre de chuvas. E, como o próprio nome sugere, fica no único setor em que os torcedores não se sentam diretamente no concreto. Mas mesmo entre uma e outra arquibancada há diferenças, a começar pela principal delas, justo aquela que as nomeiam.

O que queremos dizer aqui é que o Almeidão foi construído em tal posição que o sol se põe por detrás da estrutura onde ficam o Setor de Cadeiras e a Arquibancada Sombra. Isso significa dizer que, em jogos realizados à tarde, essa estrutura fará sombra naquele lado do estádio, tornando a experiência torcedora menos adversa. Porque do outro lado, no Sol, afinal, o torcedor mal conseguirá enxergar a bola de jogo nos dias mais ensolarados, recebendo toda a irradiação solar de frente, diretamente nos olhos, queimando também a pele, tornando o desgaste físico mais acentuado. Ademais, a altura do degrau na Sombra é mais alto do que no Sol, o que torna o ato de sentar mais confortável.

Reforçando ainda mais esta marcação econômica entre um lado e outro, pode-se registrar ainda, a título de ilustração, que as camisas oficiais do Botafogo-PB, mais comuns na Sombra, eram vendidas no início de 2018 pela loja oficial do clube a R\$ 160. A sua versão falsificada, no entanto, mais comum no Sol, não passava de R\$ 40 em varais precariamente armados na parte de fora do estádio.

Fixando mais nossas observações nas diferenças entre as duas arquibancadas, a Sombra é a “casa” da maioria dos sócios do clube, por exemplo, e de torcidas organizadas como a Império Alvinegro, composta em sua maioria também por torcedores jovens, mas de classe média, moradores de bairros centrais ou daqueles classificados como “nobres”, que a todo o momento tentam se afastar da imagem de torcida de pista. O lado Sol, pelo contrário, é o ambiente preferido

¹¹ Tecnicamente, deveria ser escrito “na Sol”, visto que se refere à “arquibancada”. Mas nenhum torcedor se refere ao setor dessa forma. Adotam “Sombra” e “Sol” como substantivos próprios que nomeiam as arquibancadas. E, por isso, o seu uso no masculino no segundo caso. É o que faremos, também, respeitando o costume êmico.

¹² Vale ressaltar que a diretoria da TJB recebe dos diretores do clube um lote gratuito de ingressos a cada jogo, que acaba sendo vendido a cinco reais para seus integrantes, como forma de arrecadação de dinheiro para gastos diversos da torcida organizada. Ainda que seja uma venda informal, esse é o tipo de ingresso mais barato disponível.

das torcidas de pista. A já citada TJB, mas também a Fúria Independente. Ambas formadas majoritariamente por torcedores pobres, moradores de bairros periféricos.



Imagem 2: Visão do campo de jogo da Arquibancada Sol do Estádio Almeidão / Foto: Phelipe Caldas

São pedaços¹³ de arquibancadas que não se resumem a meros espaços. E que aqui serão pensados como “lugar”, tal qual defendido por Agier (2011, p. 108), que vai se referir a “um espaço de relações, de memória e de identificação relativamente estabilizadas”; ou mesmo como “lugar antropológico”, que Augé (1994, p. 51) vai definir como a “construção concreta e simbólica do espaço”. Que se pretendem “identitários, relacionais e históricos” (Id., *Ibid.*, p. 52).

E isso é tão intenso que, não raro, o nome da torcida se torna o próprio lugar do estádio. A Império se posiciona sempre atrás do banco de reservas do time botafoguense. A Fúria se posiciona exatamente na mesma linha deste banco de reservas, mas no outro lado do campo de jogo, no Sol. Enquanto a TJB fica na mesma arquibancada da Fúria, mas no extremo oposto. Essas posições não mudam jogo a jogo. Ao contrário, são fixas, simbólicas, rituais, caras para cada um

¹³ O termo “pedaço” pode ser pensado aqui, inclusive, como proposto por Magnani (2005, p. 178), “onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações [...] impostas pela sociedade”.

de seus ocupantes. De forma que alguém dizer que vai assistir ao jogo “na TJB” é definir para o seu interlocutor bem mais do que aparenta. É dar uma espécie de endereço do ponto exato onde estará ao longo de toda a partida.

Para além disso, é importante registrar que existe uma forte oposição e disputa entre as duas arquibancadas, em discursos festivos, mas muitos deles insultuosos e pautados por preconceitos de ambos os lados e sempre visando o outro. Os torcedores da Sombra, pudemos constatar, não raro se referem ao outro lado como “Faixa de Gaza”, numa referência clara a um dos pontos mais tensionados do mundo, homogeneizando toda a arquibancada Sol sob um mesmo denominador. Chamando de forma meio aleatória e socialmente desqualificadora todos os torcedores organizados como sendo “marginais”.

Em sentido inverso, os torcedores do Sol, com ênfase maior nas torcidas organizadas ali posicionadas, têm a tendência de classificar todo mundo do outro lado como sendo um bando de “playboy que não sabe torcer”, tal qual nos disse um dos nossos interlocutores. Alegam que esses torcedores assistem aos jogos sentados, não cantam, não gritam, não empurram o time. E é justo em reação a esta suposta postura passiva dos torcedores não organizados que surge a tal prática do vai e vem.

“Ei playboyzada, tira o cu da arquibancada”. O grito, tal como acontece, gritado de forma ritmada enquanto os torcedores vão e vêm pela arquibancada, aos pulos, com coreografias corporais que sugerem o enfrentamento com o outro, tem, para os torcedores da Jovem, portanto, um tom didático sobre qual o jeito que, para eles, é o correto de se torcer. Um grito, aliás, que muitas vezes vem acompanhado de outro, ainda mais direto: “quem ficar parado vai levar um ‘tá ligado’¹⁴”.

“Marginais” ou “playboys”, proferidos por torcedores das diferentes arquibancadas do estádio, nos mostram outro contorno fronteiriço, diretamente associado ao demarcador de classe social. Nesta outra configuração, os lados das arquibancadas se dividem em duas partes, tendo a classe social como critério da divisão, não importando quem está do outro lado. Durante o tempo do jogo, se o torcedor estiver no espaço do Sol, será identificado como “marginal”; se o torcedor estiver no espaço da Sombra, será identificado como “playboy”. Em síntese, no tempo do jogo, o espaço definirá quem você é.

Para além da questão semântica, ainda é possível pensar os movimentos. Segundo Le Breton (2010, p. 52), esses “não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados

¹⁴ O “tá ligado” é um termo êmico usado para designar uma tapa na cabeça, na região da nuca. Como o próprio nome ilustra, serve para acordar o outro, deixá-lo ligado.

visando o outro”. Ou como dito por Pais (2006, p. 47), “não são meras formas de gestos corporais. O corpo é um instrumento de comunicação num espaço de interação”. Se optarmos por uma abordagem mais específica às torcidas organizadas, podemos citar ainda Toledo (1996, p. 52, grifo do autor), que vai falar em “*marcas distintivas* dos grupos, [...] marcas de identificação, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas”. O autor nesse ponto se refere mais a vestimentas, faixas, bandeiras, símbolos, nomes, apelidos, mas podemos incluir aqui também a corporalidade específica de cada uma dessas identidades torcedoras.

É um movimento que, insistimos, visa outras identidades. Mas que vai ter repercussões internas também. É justo sobre essas repercussões no interior da Torcida Jovem do Botafogo-PB que vamos falar agora.

Jovens e não-jovens... na Jovem

Mais do que estar em determinada fase de vida (PAIS, 2009), para participar ativamente das dinâmicas da TJB o importante mesmo é se comportar em conformidade com uma representação de ser jovem construída por estes sujeitos. O nome dado à torcida já nos diz bastante sobre uma forma de ser jovem de torcida de pista. Uma forma de torcer, inclusive, que não necessariamente coincide com as bem delimitadas marcações geracionais demográficas.

Em outras palavras, se o torcedor se predispõe a atuar na pista – isto envolve a prática do vai e vem –, sua faixa etária deixa de ser o primeiro critério para atuar e ser aceito pelo grupo. O que importa é a prática de ser jovem, mesmo se o torcedor tenha 12 anos ou 50 anos.

Por outro lado, não basta disponibilidade ou disposição para participar das performances da torcida, é necessário um investimento físico para praticar as performances. Como foi dito acima, integrar a organizada e participar das práticas de pista das torcidas requer condições físicas apropriadas. Em dias de jogos em casa – quando o Botafogo-PB manda seus jogos no Almeidão – são mais de três horas de performances que demanda, no mínimo, bom condicionamento físico.

Principalmente porque as dinâmicas não são exclusivas do estádio, do rígido tempo em que se desenrola o futebol, mas se alargam para antes e para depois de a bola rolar, nas andanças pré-jogo pela cidade e nas dispersões coletivas – festivas ou não, a depender do placar – após o apito final. Essas três horas citadas, portanto, é um tempo médio de atividade torcedora, mas essa pode se tornar muito maior, por exemplo, em dias de clássico ou de finais de campeonato.

E quando o time joga fora de suas dependências – em outra cidade ou estado – o tempo dedicado às práticas se torna ainda maior. Pode dobrar, triplicar, quadruplicar, até, a depender do tempo despendido para o deslocamento.

Ser jovem ou ter experiência juvenil se torna importante para se sentir parte da torcida de pista, para ser reconhecido como membro dela, e para se diferenciar de outras torcidas e de outras formas de se torcer. Há, em todo este processo, uma valorização da experiência juvenil, ou melhor, de uma determinada experiência juvenil, demonstrada no nome da torcida ou nas formas de torcer. Mesmo que estes jovens, principalmente aqueles pertencentes às classes sociais mais pobres, longe das atividades da torcida, desempenhem papéis da fase de vida representados pela fase adulta – emprego, constituição de família, casamento, filhos. No tempo do jogo, estar apto a participar das performances coletivas da torcida se torna a principal condição.

Esta forma de torcer de pista sinaliza uma delimitação geracional, a partir desta experiência juvenil: aquele que não quer mais participar da pista deixa de ter a condição de ser jovem. Assim, faz sua passagem para a fase adulta, comportando-se de forma diferente nas arquibancadas. Paulo Soares, que hoje está na casa dos 40 anos e é um dos integrantes do Loucos pelo Belo¹⁵, foi um dos pioneiros da torcida, reconhecido por todos da TJB atual como um de seus fundadores mais ilustres, e que no passado já foi presidente da torcida. Hoje, assiste aos jogos na Arquibancada Sombra, acompanhado do filho de 14 anos, de forma pacata e quase anônima. Ainda que continue sendo um nome famoso na Arquibancada Sol.

Paulo representa a passagem geracional, da juventude para a adultez, em pelo menos quatro aspectos: (1) deixou as práticas da pista; (2) começou a assistir aos jogos na Arquibancada Sombra; (3) passou a torcer de outra forma, sem gritar, sentado ou sem se movimentar tanto; (4) passou a levar o filho aos jogos, que nos leva a considerar incumbências da vida adulta, como a formação de uma nova família, ter filhos. No caso específico de Paulo, a passagem de fase, para a vida adulta, talvez o tenha levado a sair da torcida.

Como apontamos acima, atuar ou deixar de atuar na pista não são determinados por responsabilidades típicas da fase adulta. Um jovem pode atuar na pista mesmo sendo casado, empregado e com filhos. Da mesma forma que um “não-jovem” pode seguir na TJB. Mas, para isso, ele passará a ser classificado como integrante da tal Velha Guarda da torcida, que vai escancarar o seu distanciamento da pista.

¹⁵ Loucos pelo Belo é um grupo de torcedores de classe média que assiste aos jogos na Arquibancada Sombra. Esses torcedores têm uma organização interna que eventualmente poderia aproximá-los da ideia de torcida organizada, mas eles rejeitam peremptoriamente essa denominação, se identificando genericamente como “um grupo de amigos que gosta do Belo”.

De volta ao Almeidão, no setor onde se localiza a TJB, existem dois grupos muito bem delimitados, nos mostrando outro desenho fronteiro, mas só perceptíveis para quem olha de perto, justo com a disposição de entender como eles se comportam. Um desses grupos é justamente a Velha Guarda, em regra formada por pessoas mais velhas (todos acima dos 40 anos, alguns com mais de 50), que já foram ativos na torcida, mas que agora, sem tanta energia para atuarem na pista, preferem assistir aos jogos de forma menos agitada. Eles ficam mais à margem, mas são respeitados por tudo o que já fizeram, como se a experiência da pista no passado honrasse o seu presente. São quase como uma espécie de torcedores organizados aposentados, reconhecidos pelos pares da torcida que, a despeito da aposentadoria, ainda comparecem à TJB para vivenciarem o estádio. Mas nem sempre vão uniformizados, até para evitarem os eventuais confrontos.

Um de nossos interlocutores, aliás, é quem explicita de forma cristalina o que queremos expressar aqui. Ele foi de pista no início dos anos 2000, continua indo ao estádio e ao Sol, assistindo aos jogos perto da torcida, mas já não entra mais no que ele chama de “meiuca”, ao se referir ao centro dos acontecimentos: “A gente quer continuar assistindo aos jogos juntos da Jovem, mas já não temos mais aquele gás, né?”, comenta sorridente. Perto, mas não dentro. Ou, se preferirmos, dentro, visto que segue sendo reconhecido pelos demais como integrante da torcida, mas à margem.

Há alguns aspectos importantes sobre a Velha Guarda da TJB, todos diretamente ligados a esta falta de energia que mencionamos acima. Em jogos no Almeidão, se abstêm das práticas performáticas da pista e não se apresentam para as peijas em possíveis confrontos com a polícia ou com outros torcedores organizados do Botafogo-PB e de outros clubes. Já nas viagens para jogos longe de João Pessoa e do Almeidão, até viajam juntos dos demais torcedores, no mesmo ônibus, mas são bem menos numerosos (quase exceções em meio aos jovens) e ficam longe do “agito”, posicionados em regra nas poltronas da frente, deixando o chamado “fundão” (do ônibus) para aqueles que ficam mais agitados, cantando, reproduzindo as dinâmicas torcedoras também durante a viagem.

O outro grupo é a parte visível. Os atuais integrantes da TJB. Ou, numa contraposição aos aposentados, aqueles que seguem na ativa. São todos mais jovens. E esses, sim, vão obrigatoriamente uniformizados, ocupam a parte central da torcida, posicionados sempre de forma muito coesa. Eles cantam juntos, torcem juntos, exaltam igualmente juntos o nome da torcida, garantindo que uma festa intensa e barulhenta se prolongue durante todo o jogo. Todas essas práticas requerem muita energia e muito preparo físico.

Aquí, vale rapidamente citar a figura do “puxador”, para facilitar ainda mais o entendimento das dinâmicas de uma torcida organizada durante um jogo de futebol. O “puxador”, pois, é uma

figura central em uma organizada. Posto ocupado necessariamente por um integrante antigo e respeitado, que possui “status” entre seus pares. Ele fica de costas para o campo de jogo e de frente para os demais torcedores. Trabalha como sendo uma espécie de maestro da parte ativa da torcida, da parte que se apresenta para a pista.

É o “puxador” quem define as músicas que serão cantadas, as coreografias que serão executadas, os movimentos que serão realizados. É o puxador, enfim, quem garante a coesão do grupo e certa uniformidade de suas ações. Ao menos entre os jovens. Ele indica a próxima ação, sinaliza com as mãos o momento exato de se iniciar a execução, e rapidamente todo mundo o acompanha.



Figura 3: O puxador é o maestro da torcida organizada. Que indica, por exemplo, quando os torcedores têm que se agachar (como aparece na imagem) e se levantar / Foto: Phelipe Caldas

E nestes momentos, não foram poucos os movimentos percebidos que demandam energia e preparo físico dos envolvidos. Além da já citada prática do vai e vem, algumas músicas são cantadas com metade da torcida agachada e a outra metade em pé, mas ao longo da música essas posições são constantemente alternadas, obrigando quem está agachado a se levantar rapidamente

e quem está agachado a fazer o movimento inverso. De longe, o movimento parece o de uma onda harmônica. De perto, os esforços corpóreos são melhores percebidos.

Há ainda dois outros tipos de componentes de uma torcida organizada que podem ser mencionados aqui para enfatizar o desgaste físico que tais dinâmicas podem gerar. Os integrantes da bateria e os porta-bandeiras. A inabilidade musical evitou que testássemos a experiência de passar três ou quatro horas batucando de forma ininterrupta, mas tentamos agitar as grandes bandeiras que as torcidas possuem como marcas distintivas, com mastros grandes feitos de bambu ou cano e que não raro possuem 5m² de pano. Exige força, coordenação, cadência, concentração. Foi necessário um esforço tremendo para conseguir executar a tarefa por reles cinco minutos. Mas as torcidas organizadas, como já comentamos, não as balançam por apenas cinco minutos.



Figura 4: Agitar o bandeirão exige força, coordenação, cadência e concentração / Foto: Yara Alves Monteiro / TJB

Como se vê, há um marcador geracional muito bem definido, que explica a dinâmica da torcida, as relações de reciprocidade e reconhecimento existentes em seu interior, as características físicas e simbólicas nas arquibancadas dos estádios, que a distingue em comparação com outras

torcidas do Botafogo-PB, com torcidas de outros clubes, com outros membros inclusive da própria TJB.

Considerações finais

A pesquisa que levou ao presente artigo, mais ampla, pretendia perceber as distinções que existem em um estádio de futebol mesmo quando ele é todo ocupado apenas por torcedores de um mesmíssimo clube de futebol – no caso aqui o Botafogo da Paraíba. Acabar com essa ideia erroneamente alardeada sobre uma suposta “unidade botafoguense” cuja alteridade seria exclusivamente os rivais de outros clubes, para mostrar a multiplicidade de formas de torcer que permeiam tais arquibancadas.

Afinal, torcedores organizados não torcem jamais como torcem os não-organizados. E mesmo uma torcida organizada terá distinções com relação à outra torcida organizada, seja porque existem rivalidades de bairro motivadas por questões para além do futebol, seja porque ambas querem ter o protagonismo de ser reconhecida como a maior e mais importante agremiação do clube que torcem.

O recorte aqui, no entanto, potencializa ainda mais essas distinções, essas variações nas formas de torcer e de enxergar a si mesmo e os outros sujeitos. Mostra, pois, tomando como ponto de partida a supramencionada prática do vai e vem, uma certa cisão no interior da própria torcida organizada que a executa. E “cisão” aqui, importante dizer, não necessariamente no sentido conflitivo que muitas vezes é dada ao termo, mas também numa referência a certa reorganização espacial e comportamental que o movimento acaba por provocar.

Pode-se dizer que há reciprocidade dos torcedores adultos da TJB, reconhecendo as formas de torcer dos jovens, os locais que eles ocupam e as práticas de torcer dentro e fora do estádio. O vai e vem também desempenha a função de socializar os torcedores, fortalecer o sentimento de pertencimento, a juvenilização da prática e da própria torcida¹⁶. A prática do vai e vem, como outras formas de torcer e estar no estádio, assegura a reprodução dessas experiências e vivências (PAIS, 1990) nas arquibancadas.

Os jovens ao centro, na ação, na pista, produtores mesmo de um modo de ser jovem (DAYRELL, 2003). Enquanto que os não-jovens, ou adultos/velhos, ou membros da Velha Guarda, se preferirmos nesse último caso o termo êmico adotado pelos torcedores, mais à margem, numa postura mais passiva, aposentado da pista. Ainda que eventualmente respeitados, vistos como

¹⁶ Juvenilização também no sentido de renovação etária da torcida.

uma espécie de conselho consultivo da agremiação, sem se apresentarem como executores das dinâmicas torcedoras.

Para análises futuras, podemos nos questionar até que ponto essas práticas de torcedores não fazem parte também de um tipo de masculinidade, de uma identidade masculina, baseada na virilidade, na valentia, na disposição de defender o seu território dos rivais – sejam eles botafoguenses ou não. Afinal, não são poucos os autores que já tratam do tema. De Leon (2011, p. 60), por exemplo, cita “força, poder, violência, virilidade, agressividade e potência sexual” como valores típicos do futebol e de seus atores. Connel (2016, p. 137), por sua vez, vai falar que “a energia masculina encontra sua expressão no futebol”.

Ademais, mesmo num contexto de uma predominância de fronteiras geracionais fluidas, ainda podemos observar a permanência de demarcações geracionais. Assim, é possível pontuar com relativa segurança que fazer parte de uma torcida organizada e, nela, desempenhar tais funções relacionadas a sua condição juvenil, como descritas acima, marcam a fase de vida representada por práticas sociais longe da autoridade da família ou dos mais velhos, se identificando com estilos de roupa, cabelos e comportamento próprios do grupo (FEIXA, 2006).

Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade:** lugares, situações, movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em Termos Reais.** Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, nº 24, pp. 40-52, 2003.

DE LEÓN, Adriano. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: MACHADO, Charliton; NUNES, Maria; SANTIAGO, Idalina. **Olhares:** gênero, sexualidade e cultura. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. pp. 47-72, 2011.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, bandas y tribos:** antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 2006.
LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, pp. 173-205, 2005.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Revista Análise Social**. Lisboa, v. 25, pp. 139-165, 1990.

_____. Na rota do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Lisboa, n. 37, pp. 105-115, jun. 1993.

_____. Bandas de Garagem e Identidades Juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da Silva. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

_____. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, vol 18, n. 13, pp. 371-381, 2009.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e autoafirmação – aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.